



PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM *ONLINE*: POSSIBILIDADES PARA SE PENSAR EDUCAÇÃO NA/COM A CIBERCULTURA

Dilton Ribeiro Couto Junior¹

RESUMO: Este texto apresenta parte dos resultados de pesquisa de Mestrado recentemente concluída. O objetivo deste trabalho é o de pensar educações na/com a cibercultura, buscando novas possibilidades para que estudantes e professores aprendam juntos a partir dos usos das interfaces digitais nos processos comunicacionais. Para isso, a pesquisa investigou a relação que noventa e oito jovens, dentre eles professores recém-formados, estabelecem com seus pares na interface *Facebook*. A fundamentação teórico-metodológica apoiou-se nas contribuições da etnografia virtual e no diálogo com autores dos campos da comunicação e educação. As conclusões apontam para a relevância do *Facebook* para propiciar que as diferentes vozes dos professores e dos estudantes sejam ouvidas e interpeladas, criando vínculos mais estreitos entre todos os envolvidos nos processos de ensinar e aprender, e abrindo novas possibilidades para que o diálogo *online* seja potencializado entre os internautas. Isso proporcionou repensar as práticas pedagógicas no contexto das dinâmicas comunicacionais, considerando a interação e a colaboração, próprias da cibercultura.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura, redes sociais da internet, *Facebook*, educação.

ABSTRACT: This article presents part of the results of a recently concluded Master's Degree research. The objective of this work is to think educations in/with cyberculture, seeking new possibilities so students and teachers learn together with the use of digital interfaces in communication processes. Therefore, the research investigated the relations that ninety-eight youths, among them newly qualified teachers, established with their equals on the Facebook interface. The theoretical-methodological background is based on the contribution of the virtual ethnography and the dialogue with authors of the communication and education fields. The conclusions of the research aim at the relevance of Facebook to provide that the different voices of teachers and students are heard and interpellated, creating narrower bonds between everyone involved on the learning and teaching processes, and opening new possibilities as the online dialogue is intensified among the internet users. This provided ways to rethink the pedagogical practices in the context of the dynamic communications, considering the interaction and collaboration, proper of cyberculture.

KEY WORDS: cyberculture, internet social networks, Facebook, education.

¹ Graduado em Pedagogia pela UERJ, possui especialização em Docência Superior pela Universidade Gama Filho e em Educação Infantil pela PUC-Rio, apresentando experiência no trabalho com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Finalizou em 2012 a sua pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Desde 2006 participa do grupo de pesquisa "Infância, Juventude e Indústria Cultural" coordenado pela professora Maria Luiza Oswald no referido Programa. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A velocidade das transformações que estão ocorrendo nos mais diferentes âmbitos da vida social marca o contexto contemporâneo. Cada transformação provoca e é provocada pelas outras, de forma que a complexidade é uma de suas características básicas. Especialmente, as mudanças nos processos tecnológicos provocam transformações na economia, nas relações com o saber, nas relações de poder, nas relações entre os sujeitos. No entanto, não as determinam (BONILLA, 2009, p. 23).

Não obstante a importância de se discutir as profundas transformações sociais com a emergência dos artefatos tecnológicos, também é imprescindível focalizarmos os usos realizados pelos sujeitos diante das possibilidades interativas e comunicacionais das mídias digitais, presentes no cotidiano de milhões de internautas brasileiros. Os artefatos tecnológicos vêm possibilitando que a informação e o entretenimento estejam constantemente sendo apresentados às pessoas de forma dinâmica e diversa: por meio de imagens, textos, músicas, filmes, programas televisivos, shows musicais, jogos eletrônicos, *websites* da internet, etc. Os artefatos possuem uma diversidade de conteúdos que ganham visibilidade e são também compartilhados nas redes sociais *online*.

As redes se expandem gradualmente no ciberespaço pela intensa participação dos internautas, o que demonstra a capacidade da *Web* em modificar-se, segundo mostra Lévy (1999): “Ela incha, se move e se transforma permanentemente” (p. 160). Para o autor, isso ocorre pela vasta quantidade de informação que se encontra difundida. E é a partir das diferentes possibilidades de navegar no ciberespaço por meio de inúmeras interfaces que muitos jovens, de diferentes estratos econômicos e sociais, vêm rompendo com o pólo da emissão e interagindo com outros internautas que podem estar geograficamente dispersos e, ainda sim, conectados entre si pela rede. Essa interação é ainda mais intensificada pelo uso dos *softwares* sociais, que propiciam aos seus usuários a capacidade de se agrupar por interesses e afinidades nas conversas *online* que acontecem nessas redes.

E é dentro do panorama acima exposto que este texto se situa, apresentando como objetivo tecer algumas considerações sobre como a educação poderia se beneficiar ao conhecer as dinâmicas comunicacionais que são próprias da cibercultura, como a interação e a colaboração entre os internautas. Para isso, me apropriei das contribuições de autores do campo da educação e da comunicação, além da etnografia virtual (ou netnografia). A imersão no *software* social *Facebook*, campo empírico escolhido para a realização da pesquisa, me permitiu compartilhar experiências com outros usuários, e a abordagem teórico-metodológica da etnografia virtual se



mostrou interessante porque auxilia o pesquisador, segundo Rocha e Montardo (2005), a ser “testemunha de um mundo que também se desenrola no ciberespaço” (p. 10). E é justamente pela potencialidade de capturar essas marcas do cotidiano *online* de jovens usuários do *Facebook* que a etnografia virtual se configurou como uma opção metodológica interessante, tendo “espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber ‘o que as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia’” (GUTIERREZ, 2009, p. 10).

REPENSANDO O USO DO *FACEBOOK* NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

As significativas e profundas transformações na forma de interagir e, portanto, de se relacionar com outros internautas a partir dos artefatos tecnológicos contemporâneos não deixam dúvida de que seria imprescindível repensar antigas lógicas de ensinar e de aprender, baseadas muitas vezes numa perspectiva que supervaloriza os saberes dos livros impressos. Sobre isso, Oswald (2007) mostra que algumas práticas escolares ainda insistem em basicamente privilegiar os “textos impressos que, normalmente, constituem a biblioteca escolar” (p. 2), desvalorizando muitas vezes os interesses de seus estudantes na relação que estabelecem com os processos de leitura e escrita que também se encontram presentes na comunicação mediada pelo computador. Arruda (2009) comenta que a interatividade proporcionada pelas tecnologias digitais permite aos sujeitos conhecer e compreender o mundo: “As consequências dessa nova realidade educacional provocam no professor uma sensação de que as coisas ficaram fora de seu alcance – existe um sentimento de perda de poder ‘intelectual’ na sala de aula” (p. 21). Essa “perda de poder” comentada pelo autor refere-se justamente à ideia de que existe uma lógica unidirecional na sala de aula, com a presença de um sujeito (o professor) que supostamente detém “Todo” o conhecimento (verdadeiro e legítimo), cabendo a ele transmiti-lo para os alunos.

Lemos e Lévy (2010) fazem a seguinte provocação a respeito do que podemos considerar um “bom” livro, uma notícia “verdadeira” e um saber “garantido”: “um livro não é ‘bom’ porque ele é publicado, uma notícia não é ‘verdadeira’ porque ela é anunciada na televisão, um saber não é ‘garantido’ porque ele é ensinado numa universidade (falamos pela nossa experiência, caros colegas!)” (p. 95). Reconhecer as palavras dos autores acima citados me permitiu refletir sobre a ideia de que estamos constantemente consumindo, produzindo e re-significando saberes, bem como atribuindo valores sobre os saberes que consideramos como os mais e os menos importantes. Além disso, Lévy (1999) também ressalta:



Hoje, a maioria dos saberes adquiridos no início de uma carreira ficam obsoletos no final de um percurso profissional, ou mesmo antes. As desordens da economia, bem como o ritmo precipitado das evoluções científica e técnica determinam uma aceleração geral da temporalidade social. Este fato faz com que os indivíduos e grupos não estejam mais confrontados a saberes estáveis, a classificações de conhecimentos legados e confortados pela tradição, mas sim a um *saber-fluxo caótico*, de curso dificilmente previsível no qual deve-se agora *aprender a navegar* (p. 173, grifos meus).

Vivenciamos hoje um período nitidamente marcado pela produção massiva de informações que circulam livremente pelas redes sociais da internet, conforme Lévy (1999) acima as denomina de “saber-fluxo caótico”. E é diante da importância de conhecermos as possibilidades de se navegar em meio às informações que se apresentam de forma dispersa e em quantidade considerável na *Web*, que torna-se interessante investigar as repercussões da dinâmica interativa e colaborativa dos saberes que são tecidos cotidianamente entre os jovens no ciberespaço.

E foi com o objetivo de discutir a cultura digital que jovens professores e estudantes criaram o grupo “Cibercultura” no *Facebook*, apresentando muitos debates interessantes, conforme é possível percebermos a seguir na conversa *online*. Mais do que fazer afirmações, a conversa levantou hipóteses e propôs algumas reflexões e questões acerca do desafio que seria repensar as práticas educacionais à luz da cibercultura, com o foco sobre a incorporação das redes sociais digitais a estas práticas. Longe de estar encerrado, o debate partiu da seguinte pergunta levantada pela professora **AC**:

AC: *Como seria uma aula com o uso do Facebook?*

CS: *Adicionando um link interessante (vídeo, texto etc) e solicitando que os alunos possam entrar no link solicitado e fazer seus comentários para serem debatidos em sala de aula. Ou até mesmo um exercício postado para que todos possam desenvolver.*

CS: *Também pode-se utilizar o face, onde cada aluno escolhe um tema relevante para levar para aula, dependendo da disciplina abordada, com posts do seu próprio face pelo próprio ou por outros e também pode gerar um debate.*

CS: *Adorei essa ideia. Parabéns!*

FS: **AC**, *eu acho que será bem interessante, porém, naum acho legal ficarmo somente preso aos conteúdos de sala de aula, pois só teríamos mudado a lógica de ensinar e naum teria aproveitado as potencialidades q est software tem a nos oferecer!!!*

AC: *Interessante CS e FS pensar no potencial comunicacional deste software social num processo de ensinoaprendizagem com a intenção de não criar um formato de uso pela Educação institucionalizada. Será possível?*

FS: *Sim, pois se estivermos pensando em ensinar para além da sala de aula, podemos pensar no uso para além da escolarização!!!*



EG: *O bom é que aqui [no Facebook] não apenas ensinamos, mas trocamos ideias com nossos alunos e passa a ser uma via de duas mãos. Acho que este é o objetivo de uma rede social.*

Pesquisador: *Oi AC, a sua pergunta inicial foi muito boa! gostei! Concordo com você, FS, de termos o cuidado de não sub-utilizar o facebook, meramente “transportando” a aula para o plano digital. É preciso o diálogo em/na rede, a interação, a tessitura coletiva dos saberes. Não acredito que uma aula “tradicional” possa ser transposta para o Facebook, que tem uma lógica não unidirecional, até por conta da “liberação da palavra” (Andre Lemos), onde os sujeitos são, ao mesmo tempo, emissores e receptores de informações... o que acham disso? Bem, é com base nesta perspectiva que tenho pensando as redes sociais na educação; uma educação para além da sala de aula.*

Pela recente aproximação do campo da educação com a cibercultura, ainda há pesquisas a serem realizadas que permitam uma melhor compreensão de como a relação dos jovens com a cultura digital poderia contribuir com um novo olhar sobre as práticas educacionais. Ainda assim, alguns desses estudos, como os de Freitas (2009), Santos (2002), Bonilla (2009), Arruda (2009) e Oswald (2007), estão apontando para a necessidade de que o ensino e a aprendizagem sejam ressignificados pelos usos dos artefatos tecnológicos contemporâneos. O estudo de Santos (2002) aponta para essa necessidade na seguinte afirmação: “podemos nos inspirar no digital e nos seus desdobramentos (hipertexto, interatividade, simulação), propondo práticas curriculares mais comunicativas, como mais e melhores autorias individuais e coletivas” (p. 115). E essa “inspiração no digital” também teve a possibilidade de emergir, com o diálogo tecido acima, com os sujeitos da pesquisa, que fornecerem informações valiosas ao reconhecerem as redes sociais digitais como interfaces importantes na tentativa de serem utilizadas na prática pedagógica.

Diante da dinâmica colaborativa e interativa dessas redes, muitos desses jovens professores no *Facebook* acreditam que poderia não ser interessante, a partir do uso da referida interface, “ficarmo somente preso aos conteúdos de sala de aula, pois só teríamos mudado a lógica de ensinar e naum teria aproveitado as potencialidades q est software tem a nos oferecer!!!”, segundo **FS**. E algumas dessas potencialidades foram também mencionadas pelos sujeitos da pesquisa, como a possibilidade da promoção dos debates *online*, como mostra **CS**: “Adicionando um link interessante (vídeo, texto etc) e solicitando que os alunos possam entrar no link solicitado e fazer seus comentários”. Pensar nessa proposta como mais uma alternativa para os usos dos *softwares* sociais na educação permitiria uma melhor compreensão de como professores e estudantes poderiam se apropriar das interfaces digitais em processos de ensino-aprendizagem para além do espaço físico da sala. Vale ressaltar que a afirmação sobre a via de mão dupla levantada pela jovem **EG** diz respeito à valorização da troca de saberes entre os sujeitos, e que encontra espaço nas práticas sociais da cibercultura. Esta



perspectiva é defendida também por Santos (2002) nas redes digitais: “Ninguém sabe tudo, todo mundo sabe alguma coisa diferente do outro e é exatamente essa diferença dos saberes que enriquece o coletivo inteligente” (p. 120).

Ressignificar os processos de ensino-aprendizagem hoje vai além da implementação das mídias digitais nas instituições educacionais, mas inclui a necessidade de repensar uma formação de professores que se comprometa a discutir a relação dos jovens com as redes sociais da internet. Isso possibilitaria entender como esses processos poderiam abarcar as contribuições da dinâmica da cultura digital na educação, como a interação, a colaboração em/na rede. De acordo com Freitas (2009), “não se trata apenas de informatizar a escola” (p. 8) e, segundo eu mesmo afirmei no diálogo com os sujeitos, é preciso *“o cuidado de não sub-utilizar o facebook, meramente ‘transportando’ a aula para o plano digital”*. Neste sentido, faz-se cada vez mais urgente e necessário buscar novas alternativas para as práticas pedagógicas, que muitas vezes apresentam uma lógica de mera transmissão unidirecional de saberes e desconsideram as práticas sociais dos professores e estudantes com as mídias.

Freitas (2009), referindo-se ao trabalho desenvolvido no âmbito da Faculdade de Educação da UFJF, constatou o seguinte entre as práticas sociais de leitura e escrita dos estudantes na internet e aquelas proporcionadas pelas escolas: “Através da inserção em escolas, possibilitada pelas pesquisas realizadas, percebeu-se certo descompasso entre o que acontece nas salas de aula e o avanço das tecnologias digitais presentes na contemporaneidade” (p. 7-8). Esse descompasso também foi constatado no desenvolvimento de duas pesquisas realizadas com jovens jogadores de vídeo-games (COUTO JUNIOR, 2008) e professoras da Educação Infantil (2010). Uma das contribuições levantadas pelos estudos mencionados foi a insatisfação dos jovens com as práticas educativas que desconsideram o interesse deles pelas mídias em geral, ao mesmo tempo que as próprias professoras se consideraram insatisfeitas em como vêm utilizando-se das diversas mídias na prática docente. E um dos possíveis caminhos para a superação desses desafios poderia estar no aprendizado dos usos dos meios midiáticos com os estudantes, pois são eles que detêm uma maior facilidade e interesse em estabelecer relações com esses meios.

Diante do exposto, e entendendo que “Novas relações com o saber vão se instituindo num processo híbrido entre o homem e a máquina” (SANTOS, 2002, p. 121), seria preciso possibilitar que professores continuassem vivenciando as práticas sociais da cibercultura como forma de aprender com as/nas diversas interfaces digitais, numa relação com o outro que seja mediada pelo computador. Continuo reforçando e defendendo que aprender interconectando-se



com outros internautas no ciberespaço talvez seja um dos caminhos mais interessantes hoje para aproximar as práticas sociais de professores e de seus estudantes às práticas educacionais. Afinal, segundo destaca *FS*, “*se estivermos pensando em ensinar para além da sala de aula, podemos pensar no uso para além da escolarização!!!*”.

EDUCAÇÕES NA/COM A CIBERCULTURA: ALGUMAS PALAVRAS FINAIS...

A educação escolar anda em descompasso com uma sociedade marcada pelas tecnologias. Em um mundo da multimídia, invadido por sons e imagens, estáticas e, principalmente, em movimento, com cores em profusão, a escola insiste nas monotonias da cor do quadro de giz e da voz do professor. Em suma, continuamos, em pleno século XXI, a fazer uma educação do século XIX (MARINHO et al., 2009, p. 3).

Pensar educações na/com a cibercultura é romper com a mecanicidade de um ensino que tem como premissa principal a mera transmissão do conhecimento, sem a possibilidade de que estudantes e professores sejam sujeitos que ensinem/aprendam, em comunhão, a partir do que a tecnologia é capaz de oferecer. Esta poderia abrir espaço “para a constituição de redes na escola, redes que potencializam a colaboração entre professores e alunos, a produção de informação, conhecimento e cultura, a troca de experiências e ideias, os processos de aprendizagem” (BONILLA, 2009, p. 36). Criar redes de aprendizagens na escola é propiciar que estudantes e seus professores entrem em contato com saberes que circulam para além do espaço físico da sala de aula, promovendo assim, formas diversas de interagir e de participar da dinâmica comunicacional da *Web*; dinâmica esta que abarca espaços de troca entre os milhões de internautas que, embora geograficamente dispersos, estão interconectados pela rede.

Concordo sobre o que diz Santos (2010): “O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias” (p. 34), como o jornal, revista, rádio, cinema e televisão, segundo a autora. Por isso, é necessário considerar sua possibilidade de agregar toda essa informação e o seu potencial para que sejam repensados os processos de ensino e aprendizagem que possam também abarcar a lógica do compartilhamento das ideias tecidas coletivamente, co-criando conhecimentos que não sejam lineares, mas que permitam uma reflexão, em comunhão com o professor, de que as tecnologias “sejam promotoras de um certo modo de ver as coisas, interpretando e recriando o mundo de muitas e diferentes maneiras” (JOBIM E SOUZA, *online*). Os sujeitos podem recriar o mundo fazendo uso das diversas tecnologias e produzindo sentidos também nessas redes digitais. Assim,



é possível hoje que as informações de um programa de televisão, de um jornal ou livro, por exemplo, continuem a ser discutidas pelos telespectadores/leitores/internautas na rede mundial de computadores.

Afinal, “*Como seria uma aula com o uso do Facebook?*”. Certamente esta é uma questão oportuna para refletir e questionar as práticas educacionais contemporâneas. Não obstante a importância de considerar a referida interface nos processos de ensinar e aprender, é igualmente importante reconhecer que as dinâmicas das redes sociais da internet poderiam ensejar um novo olhar buscando pensar educações na/com a cibercultura. Mais do que ser utilizado como uma ferramenta na promoção de um ambiente institucionalizado do saber e de se constituir meramente como uma espécie de sala de aula virtual, o *Facebook* se revela importante como um *software* social que agrega dinâmicas comunicacionais e que proporciona aos professores e seus estudantes outras formas de tecer “teias complexas de relacionamento com o mundo” (SANTOS, 2002, p. 121).

Defendo que pensar educações na/com a cibercultura não se trata de planejar práticas educativas no *Facebook*, mas de se apropriar desta interface para ampliar os canais comunicativos entre estudantes e seus professores. Nesta perspectiva, as redes sociais da internet poderiam propiciar que as diferentes vozes dos estudantes sejam ouvidas e interpeladas, criando vínculos mais estreitos entre todos os envolvidos nos processos de ensinar e aprender, de forma que os limites físicos das salas de aula sejam rompidos, e garantindo que professores e estudantes encontrem espaços de troca nas interfaces digitais. Pensar sobre o uso do *Facebook* na prática pedagógica também me remete a entender como a educação poderia se apropriar do fenômeno da cibercultura e construir, *com* a juventude, novas estratégias em sala de aula para abarcar as manifestações culturais que ocorrem diante das informações que circulam livremente nas/pelas redes sociais da internet.

Dardeau (2009), referindo-se à importância do papel mediador do professor na relação dos estudantes com o conhecimento e a cultura, ressalta que

não se trata apenas de assumir a postura de usar os novos meios para estimular o interesse do estudante, levando-o simplesmente a imergir no universo disperso de informações produzidas pela rede mundial de computadores e tecnologias afins, mas de, junto com ele, buscar maneiras de compartilhar a cultura digital como experiência democrática, capaz de ampliar o acesso ao saber, à arte e à cultura.



REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio. Relações entre tecnologias digitais e educação: perspectivas para a compreensão da aprendizagem escolar contemporânea. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 13-22.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 23-40.

COUTO JUNIOR, Dilton R. *Jovens, Jogos Eletrônicos e Educação: um diálogo para se pensar práticas educativas alteritárias*. Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia. UERJ, 2008, 53p, Mimeo.

_____. *Reflexões Sobre as Relações de Professoras da Educação Infantil com as Mídias na Sala de Aula*. Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização em Educação Infantil. PUC-Rio, 2010, 48p, Mimeo.

DARDEAU, Tiago Cabral. Cultura digital – desafio para a escola. *Jornal eletrônico Educação & Imagem*, v. 2, n. 13, maio 2009. Disponível em: <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/JORNAL/>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

FREITAS, Maria Teresa Assunção. Apresentação. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7-12.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A Etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32ª, 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf>>. Acesso em: maio 2011.

JOBIM E SOUZA, Solange. *O olho e a câmera*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/epc/epctxt3.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARINHO, Simão Pedro P.; TÁRCIA, L.; ENOQUE, C. F. O. VILELA, R.A.T. Oportunidades e possibilidades para a inserção de interfaces da web 2.0 no currículo da escola em tempos de convergências de mídia. *Revista e-Curriculum*, PUC-SP, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 1-28, jun. 2009. Disponível em <<http://www.pucsp.com.br/ecurriculum>>. Acesso em: 6 fev. 2012.

OSWALD, Maria Luiza. A relação do jovem com a imagem: um desafio ao campo de investigação sobre a leitura. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE



PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30ª, 2007, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Espaço Livre, 2007, 15p. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT10-2826--Int.pdf>>. Acesso em: fev. 2009.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (e-compós)*, p. 1-22, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compós/article/viewFile/55/55>>. Acesso em: abr. 2011.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun., 2002.

_____. Educação *online* para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Org.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Wak, 2010. p. 29-48.